

01

Entrevista Arte e Cultura com Lili Castro

A palhaçaria como ferramenta de transformação na saúde

EDITORIAL / ENTREVISTA

ENTREVISTADOR

ANA CRISTINA NUNES DE GUSMÃO¹ 
ANA.GUSMAO@FELUMA.ORG.BR

ENTREVISTADO

LÍLIAN CRISTINA ABREU CASTRO¹ 
LILIAN.CASTRO@CIENCIASMEDICASMG.EDU.BR

CONCEPÇÃO

RAQUEL DE CARVALHO LANA¹ 
RAQUEL.CAMPELO@CIENCIASMEDICASMG.EDU.BR

TRADUÇÃO EM INGLÊS

DOUGLAS LAMOUNIER DE ALMEIDA¹ 
DOUGLAS.ALMEIDA@CIENCIASMEDICASMG.EDU.BR

¹ FACULDADE DE CIÊNCIAS MÉDICAS DE MINAS GERAIS – BELO HORIZONTE, MG, BRASIL

Lílian Cristina Abreu Castro, de nome artístico **Lili Castro**, é professora, pesquisadora, palhaça e atriz. Doutoranda e Mestra em Artes Cênicas pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO. Especialista em História da Cultura e da Arte pela Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG. Autora do livro “Palhaços: multiplicidade, performance e hibridismo” e de outras publicações. Dá aulas de artes no curso de Medicina da Faculdade Ciências Médicas de Minas Gerais – CMMG desde 2021 e é professora no curso de Pós-graduação em palhaçaria hospitalar da PUCPR/EPAH. Também dá aulas na Escola Livre de Palhaço – ESLIPA/RJ. Colabora com o grupo de pesquisa ARTE&SAÚDE, que relaciona Teatro e Educação Médica na UNICAMP, com o grupo CIRCUS, que pesquisa a linguagem circense na FEF/UNICAMP e com o grupo ARTEFEM do PPGAC UNIRIO. Atua na área de Artes Cênicas desde 1997, tendo participado de diversos eventos e festivais nacionais e internacionais.



[Ana Gusmão] Saudações a todos! É com grande alegria que damos início a mais uma entrevista na nossa seção de Arte e Cultura. Hoje, estamos em um espaço especial: a Casa Circo Gamarra, localizada em Santa Tereza. Este é um ambiente vibrante que respira cultura e arte. Temos o privilégio de receber a Lili Castro, que é professora na Faculdade de Ciências Médicas. Agradecemos imensamente, Lili, por aceitar nosso convite para compartilhar sua trajetória e suas ideias conosco. Para começarmos, poderia nos contar um pouco sobre sua jornada e como você transitou do universo da palhaçaria para as Ciências Médicas?

[Lili Castro] Claro! Sou atriz, palhaça, escritora e professora. Minha trajetória nas artes cênicas começou em 1997, quando iniciei como dramaturga, escreven-

do peças teatrais. Com o tempo, também me tornei atriz, e desde então nunca me afastei desse universo, especialmente do teatro, que sempre esteve presente na minha vida. Comecei a lecionar em 2002, inicialmente para crianças e, posteriormente, para alunos do ensino fundamental e médio. Ao longo da minha carreira, fui me aproximando do circo e me tornei palhaça, dedicando-me intensamente a essa arte. Em 2009, fui ao Rio de Janeiro, onde trabalhei durante 12 anos, especialmente com circo, e comecei a atuar como palhaça em hospitais. Durante esse período, participei de uma ONG que realizava intervenções em hospitais até 2020, próximo ao início da pandemia. Ao retornar a Belo Horizonte, fui convidada pela Faculdade de Ciências Médicas para lecionar sobre palhaçaria hospitalar, visando aplicar esses conhecimentos na formação dos alunos de medicina. Iniciei

minhas atividades na faculdade em 2021, trabalhando com turmas do primeiro e segundo períodos.

[Ana Gusmão] Considerando que a palhaçaria é um universo vasto, como você enxerga esse recorte dentro do contexto da saúde? Que aspectos especiais a palhaçaria traz para o ambiente hospitalar?

[Lili Castro] *É verdadeiramente maravilhoso! Observamos diversas intervenções artísticas em hospitais, mas a palhaçaria possui uma força única nesse contexto. Ela introduz um elemento de alegria e descontração em ambientes que muitas vezes são marcados pela dor, tristeza e angústia. A palhaçaria proporciona, mesmo que momentaneamente, um alívio para pacientes, acompanhantes e equipes de saúde, oferecendo uma perspectiva diferente sobre a experiência de internação. Através de atividades lúdicas e interativas, conseguimos lembrar os pacientes sobre o que eles gostam, suas memórias e suas alegrias. O caráter interativo da palhaçaria é essencial; cada interação é distinta, pois depende das preferências e expressões de cada paciente. Essa abordagem ativa permite que os pacientes se tornem participantes, e não meros espectadores, promovendo uma transformação em sua postura e bem-estar. É gratificante observar como, ao entrarmos em um quarto, muitas vezes encontramos pessoas tristes e prostradas, mas, com a nossa atuação, vemos essas mesmas pessoas se sentarem, levantarem-se e ganharem uma nova vitalidade.*

[Ana Gusmão] Sem dúvida, devem haver muitos momentos emocionantes nessa trajetória...

Lili: Muitos, sem dúvida!

[Ana Gusmão] Refletindo sobre toda a sua experiência e a abertura que você proporciona às pessoas, percebemos que há uma troca de amor nesse processo. O palhaço, pelo que conheço, deve ser genuíno em sua atuação, o que exige uma exposição verdadeira. Quais benefícios você acredita que essa experiência traz para os profissionais e alunos da área da saúde ao se colocarem nesse papel e interagirem com os pacientes?

[Lili Castro] *Essa é uma pergunta excelente. Há muito tempo, no Brasil e no mundo, artistas profissionais têm realizado visitas de palhaços a hospitais. No Brasil, essa prática já conta com grupos institucionalizados há cerca de 35 anos. Os benefícios dessa atividade, do ponto de vista do paciente, são bem documentados. Contudo, o que fazemos nas Ciências Médicas é pioneiro, pois visa não apenas beneficiar os pacientes, mas também contribuir para a formação dos futuros médicos. A interação com os pacientes permite que os alunos se conectem com eles em um nível afetivo e social. As visitas ocorrem em hospitais que atendem 100% pelo SUS, proporcionando aos alunos uma compreensão da diversidade da população brasileira e dos desafios das desigualdades sociais que encontrarão ao longo de suas carreiras.*

Outra contribuição significativa é que os alunos aprendem a observar. O que faz uma pessoa rir pode ser muito diferente do que provoca riso em outra. Portanto, ao entrar em um quarto, os alunos precisam compreender o universo cultural e as capacidades cognitivas de cada paciente, ajustando sua abordagem de acordo com as necessidades individuais. Esse desenvolvimento da observação e escuta é um ganho notável. Além disso, a prática da palhaçaria desenvolve a empatia, a habilidade social e a comunicação. Os alunos não apenas melhoram suas soft skills, mas também aprendem a ouvir e a se relacionar de forma mais significativa com a comunidade.

Esses encontros também os ajudam a perceber como é a rotina de alguém internado, incluindo seus medos e queixas. O palhaço, em sua atuação, permite que os alunos observem e entendam essas dinâmicas, levando-os a considerar o paciente como um ser humano completo, e não apenas como um caso clínico.

[Ana Gusmão] Sem dúvida, é um olhar que precisamos cultivar, não apenas neste contexto, mas em nossa vida cotidiana. Muito obrigada, Lili.

[Lili Castro] *Eu que agradeço.*

[Ana Gusmão] Quero expressar minha gratidão não apenas pela entrevista, mas pelo seu trabalho. Acredito que, em breve, veremos o impacto de suas ações em nossa sociedade.

[Lili Castro] Obrigada, Ana.

[Ana Gusmão] Agradeço a todos e até a próxima entrevista.

FICHA TÉCNICA

Entrevista concedida a Ana Gusmão, no dia 05 de junho de 2023, no Teatro Feluma, para o Projeto Arte e Cultura / Revista de Extensão e Educação em Saúde da Faculdade de Ciências Médicas de Minas Gerais

vídeo da entrevista

Concepção: Ana Gusmão e Raquel de Carvalho Lana

Roteiro: Ana Gusmão

Produção: Raquel de Carvalho Lana

Edição de vídeo: HUB Tecnológico

Filmagem e iluminação: Teatro Feluma

Diagramação: Caroline Gischewski

Tradução em inglês: Douglas Lamounier de Almeida¹